

O menino e seu amiguinho brincavam nas primeiras espumas; o pai fumava um cigarro na praia, batendo papo com um amigo. E o mundo era inocente e tranquilo, na manhã de sol.

Foi então que chegou a Mãe (esta crônica é modesta contribuição ao Dia das Mães), muito elegante em seu "short", e mais ainda em seu "maillot". Trouxe óculos escuros, uma esteirinha para se esticar, óleo para a pele, revista para ler, pente para se pentear — e trouxe seu coração de Mãe que imediatamente se pôs aflito achando que o menino estava muito longe e o mar estava muito forte.

Depois de fingir três vezes não ouvir seu nome gritado pelo pai, o garoto saiu do mar resmungando, mas logo voltou a se interessar pela alegria da vida, batendo bola com o amigo. Então a Mãe começou a folhear a revista mundana — "que vestido horrroso o da Marieta neste "cock-tail" — "ih, é mesmo, João, nós precisamos telefonar para os Nunes" — "que presente de casamento vamos dar à Lúcia? tem de ser uma coisa boa" — e outros pequenos assuntos sociais foram aflorados numa conversa preguiçosa. Mas de repente:

— Cadê Joãozinho?

O outro menino, interpelado, informou que Joãozinho tinha ido em casa apanhar uma bola maior.

— Meu Deus, êsse menino atravessando a rua sozinho! Vai lá, João, para atravessar com êle, pelo menos na volta!

O pai (fica em minúscula; o Dia é da Mãe) achou que não era preciso:

— O menino tem OITO anos, Maria!

— OITO anos, não, oito anos, uma criança. Se todo dia morre gente grande atropelada, que dirá um menino distraído como êsse!

E erguendo-se olhava os carros que passavam, todos guiados por assassinos (em potencial) de seu filhinho.

— Bem, eu vou lá só para você não ficar assustada.

Talvez a sombra do medo tivesse ganho também o coração do pai; mas quando êle se levantou e calçou a alpercata para atravessar os vinte metros de areia fôfa e escaldante que o separavam da calçada, o garoto

MÃE

8/5/53

(Crônica dedicada ao Dia das Mães, embora com o final inadequado, ainda que autêntico)

RUBEM BRAGA

apareceu correndo alegremente com uma bola vermelha na mão, e a paz voltou a reinar sôbre a face da terra.

Agora o amigo do casal estava contando pequenos escândalos de uma festa a que fôra na véspera, e o casal ouvia, muito interessado — "mas a Niquinha com o coronel? não é possível!" — quando a Mãe se ergueu de repente:

— E o Joãozinho?

Os três olharam em tôdas as direções, sem resultado. O marido, muito calmo — "deve estar por aí", a Mãe gradativamente nervosa — "mas por aí, onde?" — o amigo otimista, mas levemente apreensivo. Havia cinco ou seis meninos dentro d'água, nenhum era o Joãozinho. Na areia havia outros. Um deles, de costas, cavaca um buraco com as mãos, longe.

— Joãozinho!

O pai levantou-se, foi lá, não era. Mas consaguiu encontrar o amigo do filho e perguntou por êle.

— Não sei, eu estava catando conchas, êle estava comigo, depois êle sumiu.

A Mãe, que viera correndo, interpelou novamente o amigo do filho. "Mas sumiu como? para onde? entrou n'água? não sabe? mas que menino pateta!". O garoto, com cara de bobo, e assustado com o interrogatório, se afastava, mas a Mãe foi segurá-lo pelo braço: "mas diga, menino, êle entrou no mar? como é que você não viu, você não estava com êle? hein? êle entrou no mar?".

— Acho que entrou... ou então foi-se embora.

De pé, os lábios trêmulos, a Mãe olhava para um lado e outro, apertando bem os olhos miopes para examinar tôdas as crianças em volta. Todos os meninos de oito anos se parecem na praia, com seus corpinhos queimados e suas cabecinhas castanhas. E como ela queria que cada um fôsse seu filho, durante um segundo cada um da-

C. R.

387

quêles meninos era o seu filho, cinco dias depois, aqui nesta exatamente êle, enfim — mas praia mesmo!) — deu um grito um gesto, um pequeno movimento de cabeça, e deixava de ser. Correu para um lado e outro. De súbito ficou parada, olhando o mar, olhando com tanto ódio e mêdo (lembrava-se muito bem da história acontecida dois a três anos antes, um menino estava na praia com os pais, êles se distraíram um instante, o menino estava brincando no rasiño, o mar o levou, o corpinho só apareceu

para as ondas e espumas — “Joãozinho!”.

Banhistas distraídos foram interrogados — se viram algum menino entrando no mar — o pai e o amigo partiram para um lado e outro da praia, a Mãe ficou ali, trêmula, nada mais existia para ela, sua casa e família, o marido, os bailes, os Nunes, tudo era ridículo e odioso, tôda essa gente estúpida na praia que não sabia de seu fi-

lho, todos eram culpados — “Joãozinho!” — ela mesma não tinha mais nome nem era mais mulher, era um bicho ferido, trêmulo, mas terrível, traído no mais essencial de seu sêr, cheia de pânico e do ódio, capaz de tudo — “Joãozinho!” — êle apareceu bem perto, trazendo na mão um sorvete que fôra comprar. Quase jogou longe o sorvête do menino com um tapa, mandou que êle ficasse sentado ali, se saísse um passo iria ver, ia apanhar muito, menino desgraçado!

O pai e o amigo voltaram a sentar, o menino riscava a areia com o dedo grande do pé, e quando sentiu que a tempestade estava passando fêz o comentário em voz baixa, a cabeça curva, mas os olhos erguidos na direção dos pais:

— Mãe é chaaata...

Maio, 1955 R. B.